

A FLECHA

A T I L A R E A L



Prefácio de Onofre Ribeiro

AFLECHA

A T I L A R E A L



AFLECHA

A T I L A R E A L



editora
lexia
são paulo - 2010



Esta obra é uma publicação da

Editora Lexia Ltda.

www.editoralexia.com.br

© 2010. São Paulo, SP

Editores-responsáveis

Fabio Aguiar

Alexandra Aguiar

Projeto gráfico e diagramação

Equipe Lexia

Revisão

Viviane Machado

Capa

Zeca Martins

Ao adquirir um livro você está remunerando o trabalho de escritores, diagramadores, ilustradores, revisores, livreiros e mais uma série de profissionais responsáveis por transformar boas idéias em realidade e trazê-las até você.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser copiada ou reproduzida por qualquer meio impresso, eletrônico ou que venha a ser criado, sem o prévio e expreso consentimento dos editores.

Impresso no Brasil. *Printed in Brazil.*

Dedicatória

Ao meu querido pai, que Deus o acolha.

Agradecimento

Agradeço especialmente à minha esposa, grande amiga e grande amante, que me deu forças quando eu pensei em desistir; agradeço às minhas filhas maravilhosas, que são a luz da minha vida; agradeço grandemente aos meus pais que me deram a vida, aos empresários que contribuíram para que este sonho se tornasse realidade; e, principalmente, agradeço a Deus, que me concedeu essa generosa oportunidade e me capacitou para realizar esta obra.

Prefácio

Em minha infância e adolescência devorei muitos livros de mistérios policiais incluindo, obviamente, os da famosíssima maga inglesa, Agatha Christie. Imaginava, na época que o lendário Sherlock Holmes fosse o padrão da inteligência de observação. Lembro-me de ter sido avisado por uma professora no antigo curso ginásial, que a inteligência era a principal característica dos contos policiais.

Passados aqueles anos juvenis, enveredei-me por outras leituras, mas imagino que a argúcia daquelas investigações policiais que tanto me fascinavam, acabaram por incorporar-se ao meu senso jornalístico de observação.

Li e reli, com muito prazer, “A Flecha”, de Átila Real. Diverti-me com a estória bem contada. Ele associou a realidade fundiária mato-grossense dos anos 70, a violência comum na ocupação das terras, e fez disso tudo o pano de fundo para a trama policial. O livro começa com um crime praticado pela flecha disparada por um instrumento medieval em pleno século 21, segue com outros dois crimes, terminando com uma solução bem à Sherlock Holmes, e o desvendamento do crime, do criminoso e das suas paranóias de vingança.

O livro comporta também algumas coisas deliciosas. Um insinuante romance no Pantanal, entre um excêntrico inglês rico e uma exuberante morena pantaneira. O filho que vai estudar na Inglaterra, volta como detetive particular e participa no desvendamento das mortes e, por fim, encontra também a sua exuberante morena pantaneira, começo, quem sabe, de um outro romance...

Mas gostei particularmente das descrições detalhadas de ruas, avenidas, lugares, bares, restaurantes, detalhes da cidade e da vida de Cuiabá, como fundo de realidade, que deram ao livro um agradável tom de intimidade.

Por fim, revisei o meu antigo gosto pelas leituras policiais. Átila Real deve continuar a escrever no seu tom leve e descritivo. Afinal, Mato Grosso tem história e estórias para infinitos contos policiais. Completamente reais.

Onofre Ribeiro é jornalista em Cuiabá
onofreribeiro@terra.com.br

UM



Um grito de dor corta o silêncio no coração do Pantanal num final de tarde chuvoso de novembro de 1965.

O parto é difícil, devido aos poucos recursos. Dona Jovita está prestes a dar à luz seu primeiro filho e faz de tudo para colaborar com as parteiras que correm de um lado para outro trazendo pedaços de pano muito brancos e panelas com água morna, entre sussurros e preces.

Num canto do modesto quarto, o pai assiste a tudo com um sentimento misto de assombro, pena, admiração e um pouco de nojo daquele sangue todo. De onde viera jamais tinha visto algo semelhante.

Mr. Edward Theodore Chambers II era inglês e tinha viajado ao Brasil para uma expedição ao Pantanal. Ele

possuía aquela quase-arrogância típica dos londrinos, mas tinha um bom coração e uma gorda conta bancária.

Fez fortuna como fabricante de bebidas e agora, aos 48 anos, resolvera correr o mundo em busca de aventuras e de uma maneira diferente de gastar o seu dinheiro, já que não tinha herdeiros.

Sua fábrica de cerveja, a “*Indústrias Chambers*”, ficava em Birmingham, a noroeste de Londres, cerca de duas horas de carro. Mas ele preferia morar em Londres. “Ficava mais perto da Rainha”.

Já fora casado antes, mas perdeu a esposa e sua única filha num acidente de carro, assunto que ele não gostava muito de abordar. Tinha sofrido horrores com esse trauma e demorou muito a abrir seu coração para um novo relacionamento. Queria evitar a lembrança de sua finada esposa Ellen e sua linda filha Doroty, arrancada de seu convívio aos sete anos de idade.

Mr. Chambers era um homem alto, muito magro, tinha os cabelos grisalhos nas têmporas e um par de olhos profundamente azuis. Tinha mãos enormes e orelhas de abano, que lhe conferiam um ar um tanto engraçado em conjunto com seu nariz aquilino e o queixo proeminente.

Tinha chegado ao Pantanal havia quase um ano e conhecera sua “indiazinha”, como gostava de chamar dona Jovita, numa pousada onde estava hospedado.

Ela trabalhava como cozinheira e lhe preparou o melhor peixe que ele havia provado. Foi amor à primeira garfada, brincava ele.

E agora lá estava ele, sentado num tronco de árvore serrado, improvisado como uma cadeira, suando em bicas, olhando para o teto e exclamando: “Oh Lord! Help her! Help her!”.

De súbito, fez-se um curto silêncio e ouviu-se outro grito, este agora mais agudo e estridente. Seu filho nascera! E berrava a plenos pulmões!

Dona Jovita chorava e sorria, suave e sangrava. Só tinha olhos para aquela criatura pequenina e indefesa que chegava ao mundo num ambiente tão inóspito.

Por culpa de Mr. Chambers acabaram parando em uma pequena comunidade ribeirinha. Ele se esqueceu de abastecer o barco antes de dar seu passeio com dona Jovita pelas baías e corixos do Pantanal, o que gostava de fazer de vez em quando para fotografar os animais, pescar um pouco ou mesmo só para contemplar a natureza. Por isso não conseguiram chegar a tempo a um hospital.

Por sorte, quando percebeu que estava sem combustível, viu que se aproximavam de um vilarejo. Dona Jovita sentiu que a bolsa havia rompido e as contrações estavam cada vez mais frequentes e doloridas. Ele então remou até a margem para pedir ajuda.

As parteiras logo apareceram, tiraram dona Jovita dos braços daquele gringo esquisito e a levaram para uma cabana.

O lugar era quente e empoeirado. Por um instante Mr. Chambers pensou em buscar alternativa, mas as parteiras disseram que estava na hora dela. O bebê estava chegando. Não havia mais tempo a perder.

Mr. Chambers sentia sua camisa grudar em seu corpo, de tão suado que estava. Dona Jovita agora era só felicidade, como se a dor tivesse desaparecido com a imagem daquela criaturinha maravilhosa que anunciava sua chegada aos berros.

Colocaram o bebê em seus braços e ela deu seu seio a ele e o alimentou pela primeira vez. Aquele momento mágico ficaria gravado por todos pela eternidade.

Mr. Chambers se aproximou e chorou de alegria e emoção junto com ela e passou a observá-la por um tempo, com curiosidade e carinho. Ela era muito bela.

Ele lembrou-se então do dia em que a conheceu e o que fez com que ele se apaixonasse por ela, além da sua comida, é claro. Seus seios. Ela tinha seios que pareciam ter sido esculpidos em pedra sabão e que contradiziam as leis da gravidade, pois eram grandes, fartos e incrivelmente firmes.

Ela tinha olhos amendoados e cabelos negros como a selva. Sua pele era de um moreno avermelhado, herança de sua mãe índia, e tinha mãos e pés delicados.

O conjunto era de uma incrível beleza selvagem que abalara o espírito puritano daquele gringo. Ele jamais amou alguém como amava dona Jovita. Não da mesma forma. E ela sabia disso.

Ele agora observava aquele pequeno rebento. Como era feio, o pobrezinho! Mas como todo recém-nascido era feio mesmo, ele tomou isso como um bom sinal. Além disso, a parteira disse que tudo tinha acontecido da melhor maneira e que a criança estava muito bem.

O pequenino balançava as pernas e os braços e chorava sempre que perdia o bico do seio de sua mãe. Logo que conseguia encontrar o bico do seio, sossegava e continuava a mamar.

Mr. Chambers o observava sem piscar. Todo aquele sentimento de paternidade adormecido, às vezes à custa de alguma bebida, aflorava agora, e o pranto lhe encheu

o peito de soluços, enquanto ele agradecia aos céus por essa graça.

Nesses quase dois anos no Pantanal, Mr. Chambers se aventurou por outras veredas, tentou montar uma agência de turismo, um restaurante e um barco-hotel. Mas nada disso foi muito adiante, pois ele não precisava da renda, já que era muito rico e, por isso, não tinha motivação para tocar os negócios.

Já havia trabalhado demais e feito uma bela fortuna, que ia gastando aos poucos, vivendo das aplicações, assunto que seu secretário cuidava muito bem lá de Londres.

A vida era calma, simples e ao mesmo tempo excitante naquela paisagem tão diferente de sua Londres tão cheia de pompas e circunstância.

Ele tinha o que precisava e não passava nenhum tipo de necessidade financeira. Mas agora ele pensava no futuro. Ele tinha uma continuidade: seu filho. Seu herdeiro! Um nome! — O garoto precisa de um nome!

Nenhum dos dois saberia no futuro responder ao certo porque não haviam escolhido um nome antes.

Talvez porque não queriam saber o sexo do bebê. Talvez quisessem esperar que ele nascesse para decidir. Todo o pré-natal foi feito segundo as orientações médicas e o bebê estava com a saúde perfeita. Por isso não se preocuparam.

— Djôuvita — sussurrou ele, com seu sotaque carregado — the name... the name... o nome do menino... como vai ser?

— O guri vai se chamar João Bosco da Silva! — afirmou dona Jovita categoricamente, olhando para o bebê para confirmar se o nome combinava com a carinha dele.

— Joao Bôscou? De jeito nenhum! Vai se chamar Edward Theodore Chambers III, como os homens da família! Edward!

— Cê tá doido, hómi? Isso lá é nome de gente? O guri é daqui e vai ter nome de gente daqui!

A discussão foi esquentando até que uma das parteiras sugeriu que misturassem os dois nomes, assim entrariam num acordo.

— Okay, Okay, está bem — disse ele — Vamos misturar. É justo! O que você acha Djôuvita?

— Eu acho que tá bom assim — respondeu ela meio a contragosto, olhando enviesado para a parteira que deu a ideia.

E foi feito dessa maneira. Deram o nome de Edward Chambers Bosco da Silva III para o menino. Resolveram dispensar o “Theodore” para que o nome não ficasse muito longo.

Resolvido esse impasse, Mr. Chambers voltou a pensar no futuro de seu Edward.

Deveria viver ali? Levaria dona Jovita e o menino para Londres?

A ideia de ver dona Jovita visitando o Palácio de Buckingham, o Big Ben ou o Cutty Sark, era até engraçada.

Uma mulher simples como ela se espantaria com tamanha diversidade de formas e a correria da cinzenta Londres. Talvez não se adaptasse. Talvez não aceitasse se mudar de sua terra. Quem sabe?

A vida continuava lá fora entre os muitos braços e baías do Pantanal. Um biguá passou cantando e mergulhou atrás de sua refeição. Os jacarés, já sem o calor aconchegante do sol, mergulhavam entre os aguapés.

A natureza fora muito generosa com esse pedaço do planeta. Todo o ecossistema da maior planície alagada do mundo ia se integrando. Animais e plantas iam tocando sua vida. Uma vida simples e completa, como a comida de dona Jovita.

E os dois ficaram ali, olhando aquele bebê, e pensando no futuro dele cada um à sua maneira.

DOIS

Silêncio total, apenas o ruído do ar condicionado do carro, que tentava aplacar a fúria de um sol de 39 graus na cidade mais quente do Brasil.

O assassino espreita sua vítima de longe, usando um binóculo de longo alcance. Ela está conversando com alguns amigos. Agora ela se despede e começa a andar em sua direção.

O assassino está tranquilo, pois os vidros escuros do carro não permitem que a vítima o veja.

A moça passa a menos de dois metros do assassino e segue em sua caminhada, passando em frente ao carro dele, que está estacionado, e segue para a esquerda.

Agora o assassino pode vê-la de costas pelo vidro da janela do motorista. A vítima senta um pouco em um

dos bancos de concreto para conferir alguns documentos em sua bolsa. Ele baixa o vidro e se prepara. Ela se levanta para seguir seu caminho. Ela não sabe que não dará nem três passos.

— Devagar... um pouco mais... um pouco mais... devagar... **ZAP!**

A flecha atravessara o peito da vítima pelas costas, perfurara o coração e ficara encravada numa árvore próxima.

A vítima, uma jovem de 23 anos, estava caminhando no campus da Universidade Federal do Estado de Mato Grosso, saindo do ginásio de esportes em direção à piscina.

Havia parado para conferir alguns documentos em sua bolsa, sentada em um dos bancos, e quando se levantou para seguir seu caminho, conseguiu dar apenas dois passos antes de o assassino atravessar seu peito com uma flechada.

O mundo escureceu naquele momento. Não havia dor. Ela sentia apenas um calor intenso no peito e uma paz estranha, diferente, quase uma alegria, uma libertação.

Girou o corpo levemente para o lado esquerdo, caiu sobre os joelhos e depois de braços, sobre uma poça vermelha de seu próprio sangue.

Estava morta. Morreu sem saber de onde viera o disparo.

Não houve tempo para socorro. O sangue fluía do ferimento sob o corpo inerte da jovem, tingindo a grama verde do campus. Não havia testemunhas. Ninguém apareceu para socorrê-la.

Naquela calma manhã, ao som dos pássaros que cantavam nas árvores do campus, Cuiabá nem imaginava que se tornaria o palco de uma série de sangrentos e misteriosos assassinatos.

O som de um carro saindo em disparada e queimando pneus foi o desfecho desse ato. Ninguém viu o carro ou seu ocupante.

Com o coração disparado, mas o semblante muito calmo, o assassino saiu pela rua principal em direção à Avenida Fernando Corrêa da Costa, e de lá para o seu esconderijo.

Agora dirigia em velocidade normal para não levantar suspeitas. Precisava esconder a arma rapidamente, mas não arriscaria ser parado por um policial do batalhão de trânsito.

Sem pistas, sem impressões digitais, sem testemunhas. A polícia tinha muito pouco com que trabalhar. Os peritos vasculhavam tudo ao redor do corpo e nas imediações em busca de algum detalhe, uma pegada, um sinal da arma que disparou a flecha, qualquer coisa ajudaria.

A imprensa logo chegou ao local.

— Delegado! Delegado! A polícia já tem um suspeito?— a miúda repórter da TV local esticava o braço o quanto podia para obter uma resposta do delegado, espremida entre outros colegas de profissão.

— Como é que uns imbecis como vocês conseguem se formar em jornalismo? A moça nem esfriou direito! A gente ainda não teve tempo nem de estudar a vida dela para estabelecer alguma linha de investigação! Eu sei o mesmo que vocês sabem: absolutamente nada!

O delegado Jaime Dutra era um homem de aparência bem comum. Tinha olhos e cabelos castanhos, levemente grisalhos nas têmporas, o que lhe conferia certo ar de respeito. Era forte, não muito alto e tinha um rosto bem talhado. Não era exatamente um homem muito atraente.

Casado, pai de dois filhos, ele resolveu entrar para a polícia civil movido pela emoção, após ter se formado em Direito por esta mesma universidade e ter passado em um concurso para investigador de polícia.

Achava que o serviço policial lhe traria uma série de acontecimentos excitantes, mas depois de alguns anos como investigador e delegado, viu que não era bem assim.

Sua vida era um sem-número de casos sem muita importância, pequenos crimes, punguistas pés-de-chinelo, um ou outro caso de maior repercussão, geralmente envolvendo políticos locais.

Mas já havia se acostumado com essa rotina e na verdade gostava do que fazia.

Tinha uma inteligência bastante aguçada, era o tipo de pessoa que consegue prever as consequências de um fato logo à primeira vista, como um bom jogador de xadrez. Só não era dotado de muita paciência. Por qualquer motivo ele estourava.

Isso lhe proporcionara alguns desafetos e uma gastrite, que ele tentava dominar com pastilhas de hidróxido de alumínio.

Olhava ao redor, em busca de algo que pudesse ajudá-lo a compreender o que acontecera ali.

A partir da posição do corpo, ele podia supor a direção do disparo. Mas da direção de onde ele supunha que a flecha havia sido disparada, não havia nenhuma construção mais elevada nas proximidades, que pudesse ocultar um atirador, ainda mais à luz do dia.

Porém, observando a posição em que a flecha estava fincada na árvore, viu que as posições do corpo e da flecha não estavam alinhadas e que o disparo não viera

do alto. O atirador devia estar próximo à vítima e perto do solo. Um perito, observando o chão próximo ao corpo, mostrou ao delegado que a jovem havia mudado de posição, pois seu pé havia marcado o solo quando ela se virou para o lado esquerdo.

Refazendo mentalmente a posição da jovem antes dela virar o corpo, o delegado Jaime pôde então supor de onde havia sido disparada a flecha.

E o motivo? O que levaria alguém a matar daquela forma? Seria vingança? Seria passional? Um francoatirador? Muitas eram as perguntas que ele se fazia entre um cigarro e uma pastilha.

Ele estava pressentindo que este caso ia dar muito trabalho. Chegou mais perto do corpo e observou o ferimento com mais atenção.

— Que pontaria! E que força essa flecha tem! — falou baixinho, perto do corpo da jovem.

— Já tiraram a flecha da árvore? — gritou, olhando ao redor — Vamos com isso!

— Delegado!

— Fala Zé! Achou algo?

— Venha ver a flecha! Tiraram da árvore!

Seu fiel parceiro, José Antônio, trouxe a flecha que tiraram da árvore. José era formado em direito, assim como o delegado Jaime, mas não pela mesma universidade. Era um pouco mais jovem e tinha boa aparência. O delegado, quando queria irritá-lo por brincadeira, chamava-o de galã de novela. Ele não levava a sério essas brincadeiras do delegado e do pessoal da 14ª DHPP.

Era um homem bastante reservado e caseiro. O delegado sabia que ele tinha uma namorada, mas que nin-

guém conhecia. Saíam algumas vezes para um chope ou uma pescaria, mas não se envolviam muito. No mais, ele era um bom delegado auxiliar, fazia bem o seu trabalho e era isso que importava.

Tiveram que cortar um pedaço da madeira para poder tirar a flecha que havia entrado quase cinco centímetros na árvore.

Na flecha havia uma inscrição feita com algum instrumento cortante, como uma serrinha ou um daqueles instrumentos de gravação em placas de metal: *“Essa foi a Primeira. Na mosca!”*

Um calafrio correu a espinha do delegado Jaime: — Um desgraçado de um serial killer? Era só o que me faltava! Até aqui em Cuiabá? Cacete!

Os pensamentos inundavam a mente do delegado, enquanto ele pesava todas as variantes: haverá mesmo outro crime? Se o assassino escreveu ‘na mosca’ era porque tinha certeza de que iria acertar. Se ele escreveu “Essa foi a Primeira” é porque haveria outras vítimas.

Seria um profissional de arco e flecha? De onde teria disparado?

Sua mente acelerava entre pensamentos múltiplos, como um cavalo selvagem sem direção. Ele tinha essa capacidade especial de imaginar os fatos e fazer um filme em sua cabeça.

Nesse filme ele tentava antecipar a próxima cena, depois de imaginar o que havia acontecido em todas as suas possibilidades.

E eram muitas essas possibilidades. Tudo ajudava a piorar sua gastrite. Inclusive, e principalmente, os repórteres.

— Delegado! Qual será o próximo passo da polícia? — a repórter miudinha insistia.

— Será evacuar a área! — esbravejou o delegado, sacudindo os braços sem parar — Sumam daqui! Vão acabar estragando a cena do crime e atrapalhando meu trabalho! Zê! Tire essa raça daqui!

Ele definitivamente não gostava da imprensa. Achara que só atrapalhavam.

— *Aqui é Josiane Mendes para o plantão do Jornal da Cidade! Uma jovem de vinte e poucos anos foi assassinada com uma flechada no coração. Isso mesmo! Uma flechada no coração! Nos dias de hoje! E o assassino usou arco e flecha! A população espera das autoridades um pouco mais de atenção em relação à violência que está aterrorizando...*

O delegado Jaime preferiu sair do local pra não ficar ouvindo os exageros da imprensa — Aumentam tudo! Urubus!

E saiu do local, deixando seu ajudante para liberar o corpo para o IML. Foi para casa. Já passava das cinco. Tiraria o resto da tarde de folga e aproveitaria para pensar neste caso. Estava preocupado.

Chegando a casa, ele se distraiu um pouco com os filhos, deu atenção à esposa e foi até a cozinha comer alguma coisa. Como a maioria dos policiais, a violência não atrapalhava sua fome.

Tinha uma vida simples em casa. Seu filho mais velho tinha dezoito anos e era estudante. Chamava-se Paulo. Sua caçula, o xodó da casa, tinha nove anos e se chamava Bárbara. Eram muito ligados ao pai. A mãe, dona Laura, era uma típica dona-de-casa. Gostava dos afazeres do lar e nunca se queixava, a não ser quando o delegado Jaime precisava viajar.

Foi para o seu quarto pesquisar um pouco sobre arco e flecha na internet. O pouco que sabia sobre a arma e o esporte ouvira em pequenos comentários e matérias de televisão. Mas conhecia na cidade um homem capaz de ajudá-lo: Cláudio Alvarenga. Cláudio era um profissional do esporte e presidente da Associação Mato-Grossense de Tiro Nativo, esporte praticado com arcos indígenas.

Ele era incentivador do esporte no Estado e tinha uma enorme coleção que reunia desde os arcos mais simples até armas medievais, como as conhecidas “bestas” ou “balestras”. Estas armas disparavam flechas com uma força incrível e possuíam um sistema de molas e travas, que permitia ao atirador controlar a hora exata do tiro e sua pontaria. Funcionam como espingardas, mas disparam flechas.

Na internet descobriu também que a flecha usada pelo assassino só poderia ser disparada por uma besta, pelo seu formato, sua ponta e as quatro asas na extremidade, que serviam para dar equilíbrio e estabilidade no vôo, além de outros detalhes.

Tais armas eram largamente usadas nos Estados Unidos para caça de veados e outros animais de médio e grande porte. Tinham uma força muito grande para o disparo de flechas e possuíam poderosas miras telescópicas.

O delegado Jaime sabia que essas armas eram valorizadas por um motivo bastante simples: o silêncio.

São armas que matam sem barulho. Esse poderia ser o motivo pelo qual o assassino escolheu a flecha. Mas nesse caso, se ele estivesse realmente próximo à vítima, que era o que o delegado presumia, por que não utilizou um rifle com silenciador? Certamente para dificultar a

identificação da arma, já que é possível descobrir muita coisa através de um projétil de arma de fogo.

Essas e outras questões revoavam na cabeça do delegado Jaime enquanto ele procurava em sua agenda o telefone do Sr. Cláudio Alvarenga.

"Sobre uma bancada de aço inox, jazia o corpo da jovem Ana Clara Ferreira. A autópsia começaria dentro de alguns instantes, assim que o delegado Jaime chegasse.(...) Jovem de 23 anos, branca, 1,67 de altura, 67 quilos, cabelos louros, olhos azuis, boa formação óssea. Exames preliminares não acusaram presença de drogas ou álcool, ou doença de qualquer natureza. Orifício na parte posterior do tronco, na altura da 6ª vértebra dorsal, entre a terceira e a quarta costelas, atravessando o tórax, o coração e saindo pela parte anterior do corpo, próximo ao mamilo esquerdo".

Este romance policial é a obra de estréia de Atila Real, autor de texto ágil e envolvente, e que mostra uma Cuiabá de paixões e perigos, onde um serial killer pretende dar cabo de seus inimigos de forma planejada, cruel e inesperada. É uma obra de ficção, mas com pessoas, lugares, e eventos reais.

